



Conflitos e Resistências para a Conquista e
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões
do Fortalecimento das Lideranças
e da Cultura Guarani

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa
(Organizadores)



Conflitos e Resistências para a Conquista e
Demarcação de Terras Indígenas no Oeste
do Paraná: Os Caminhos e as Expressões
do Fortalecimento das Lideranças
e da Cultura Guarani

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa
(Organizadores)

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C748	Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no oeste do Paraná [recurso eletrônico] : os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani / Organizadores Wagner Roberto do Amaral, Elisa Yoshie Ichikawa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-822-9 DOI 10.22533/at.ed.229192711 1. Demarcação de terras – Paraná. 2. Índios da América do Sul – Posse da terra – Paraná. 3. Reservas indígenas. I. Amaral, Wagner Roberto do. II. Ichikawa, Elisa Yoshie. CDD 980.4114
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

A capa deste livro homenageia o Sr. Claudio Barros e a Sra. Vitória Nunes, importantes lideranças Avá-Guarani pertencentes ao Tekohá Porã, município de Guaíra/PR. O Sr. Claudio faleceu no dia 07 de janeiro de 2019, com 105 anos, sendo uma referência histórica de luta, inspiração e resistência para o povo Avá-Guarani e para todos nós. Claudio Barros, presente!

AGRADECIMENTO

Livro produzido com o apoio financeiro da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais.

Agradecemos a todas as comunidades Avá-Guarani da região Oeste do Paraná que acolheram a nossa equipe de pesquisa e se dispuseram a compartilhar seus conhecimentos e a compor conosco esta obra. O nosso respeito, admiração e compromisso para com a luta pela conquista do território Guarani na perspectiva de uma terra sem males.

INTRODUÇÃO

Esse nosso livro é resultado de pesquisas realizadas junto aos *tekoha* Avá-Guarani na região Oeste do Paraná, produzido com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais. Tal edital apresentava como objetivo “promover e fomentar a realização de pesquisas científicas que resultem em livros que deverão focar processos e episódios (revoltas, insurreições, rebeliões populares, lutas armadas, manifestações populares, entre outros) que, ao longo da história brasileira do período republicano, tenham sido expressão da conflitividade social e significativos para o entendimento da construção do Estado e da sociedade brasileira, com valorização de episódios pouco estudados da história brasileira”.

Esse edital possibilitou a aproximação e a articulação de docentes pesquisadores de três universidades estaduais do Paraná - sendo a Universidade Estadual de Maringá, a Universidade Estadual de Londrina e a Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - e da Universidade de São Paulo – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” USP/ESALQ. Todos esses docentes já possuíam um vínculo com pesquisas associadas a temáticas sociais nas suas diferentes áreas, seja na Administração ou no Serviço Social. Provocados pelo conteúdo progressista do edital e orientados por suas diferentes trajetórias de pesquisas, nossa equipe de pesquisadores passou a elaborar uma proposta a ser submetida. A forte inspiração da equipe nesse momento de proposição foi a profunda resistência do povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, já conhecida e acompanhada por parte dos pesquisadores.

No Paraná habitam três povos indígenas distintos, sendo o povo Kaingang, o povo Guarani e o povo Xetá, existindo ainda a presença de famílias Xokleng/Laklano nesse território. Cada um desses grupos étnicos e de suas comunidades possuem distintas cosmologias, distintas relações e formas de utilização das línguas indígenas e da língua portuguesa, assim como diferentes formas de organização econômica e política interna, e histórias semelhantes e dessemelhantes na relação com o Estado e com os demais movimentos sociais. No cenário paranaense – considerando que a presença indígena nesse território antecede a constituição administrativa e política do que chamamos de “Paraná” – encontramos históricas expressões de massacres, violências, expropriação dos territórios tradicionais pelo Estado e pelos empreendimentos colonizadores e capitalistas. Outrossim, também é nesse território que encontraremos profundas expressões de lutas e de resistências, seja pelo reconhecimento e demarcação dos territórios indígenas, seja pelos direitos à educação escolar indígena, à saúde indígena, dentre outros.

Foi a partir desse cenário que escolhemos como *locus*, fonte e inspiração

da pesquisa as memórias de lutas e resistências do povo Avá-Guarani que habita historicamente a região Oeste do Paraná. A partir das referências que a equipe de pesquisa já dispunha sobre a realidade desta população naquela região, empreendemos a elaboração da proposta que foi submetida e aprovada junto à Capes. A proposta submetida no mês de outubro de 2015 foi aprovada apenas no mês de novembro de 2016. Foi intitulada como “Conflitos e resistências para a conquista e demarcação de terras indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”. Seu alongado título reflete justamente os desafios que se apresentam às comunidades Avá-Guarani daquela região na retomada dos seus territórios tradicionais, bem como em serem humanamente reconhecidos como sujeitos de direitos e como protagonistas e referências vivas de um patrimônio histórico, cultural e linguístico fundamental para as gerações. A escolha de categorias como: “conflitos”, “resistências”, “demarcação”, “lideranças” e “cultura Guarani” refletem ainda a perspectiva política e acadêmica da equipe.

O projeto apresentou como seu principal objetivo investigar as históricas situações de conflito e as expressões de resistência política, cultural, linguística e territorial do povo Guarani na história do território paranaense, fundamentalmente, na região da fronteira Oeste deste estado, evidenciando a emergência e os percursos das lideranças desse grupo étnico diante das violências praticadas pelo Estado brasileiro e por agentes privados que vivem na região. Constituímos ainda dois eixos temáticos orientadores para as pesquisas sendo: a formação e atuação de lideranças Avá-Guarani e suas organizações, e o papel da educação escolar e da escola Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência.

Dentre os recursos financeiros disponibilizados, havia a previsão de seleção e bolsa pesquisa para dois mestrandos, dois pós-doutorandos e quatro estudantes de graduação em iniciação científica. Enquanto princípio da equipe em contribuir com o protagonismo e a formação de pesquisadores indígenas, dos dois mestrandos uma é pertencente ao povo Kaingang e dos quatro graduandos de iniciação científica três pertencem ao povo Guarani sendo um deles Avá-Guarani e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Buscamos por vários estados brasileiros possíveis candidatos à bolsa de pós-doutorado, mas não conseguimos identificar doutores indígenas disponíveis para esta tarefa¹.

¹ Importante destacar que o ingresso e a permanência de indígena na educação superior no Brasil e na América Latina enquanto uma política pública educacional é recente, sendo que a primeira política de ingresso de indígenas realizada no país ocorreu pelas Universidades Estaduais do Paraná no ano de 2002 por meio da Lei Estadual n. 13.134/2001. Para maiores informações ver: AMARAL, Wagner R. (2010). As trajetórias dos estudantes indígenas nas Universidades Estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. Acessado em 25/09/2019, em: http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2010/d2010_Wagner%20Roberto%20do%20Amaral.pdf e AMARAL, W. R.; FRAGA, L.; RODRIGUES, I. C.; (org). Universidade para indígenas: a experiência do Paraná. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP. Acessado em 25/09/2019, em: <http://>

Como não tivemos tempo suficiente para apresentar e discutir o projeto com as lideranças Avá-Guarani da região Oeste do Paraná (tendo em vista os reduzidos prazos para sua elaboração e submissão), tomamos como centralidade e princípio a tarefa de submetê-lo para apreciação das referências mais importantes nos *tekohas* daquela região. Portanto, no dia 20 de julho de 2017, a equipe reuniu caciques e lideranças Avá-Guarani de toda a costa oeste do Paraná na cidade de Guaíra com a intenção de apresentar e obter um parecer das lideranças acerca da proposta. Nesta ocasião, nossa equipe já estava ampliada com a presença de bolsistas de mestrado, de pós-doutorado e de iniciação científica. Fundamental nesta ocasião foi a atuação de Rodrigo Luís, estudante Avá-Guarani de Medicina na UEL, bolsista de iniciação científica no projeto e pertencente ao *Tekoha Porã*, um dos territórios de retomada no município de Guaíra. Sua atuação como mediador e tradutor da língua Guarani contribuiu imensamente para a legitimação das ações do projeto.

A reunião da equipe do projeto com as lideranças Avá-Guarani produziu um pacto de compromisso entre os pesquisadores e os/as representantes das comunidades indígenas do Oeste do Paraná. Neste pacto, os pesquisadores apresentaram a intenção de produzir um livro didático voltado às escolas Avá-Guarani sendo esta intencionalidade debatida e revisitada a partir do pedido das lideranças indígenas de que tal livro fosse voltado não às crianças Avá-Guarani, mas às crianças e jovens não indígenas das escolas não indígenas da região, entendendo a necessidade de combater os preconceitos que sofrem cotidianamente pela população. Entendiam como fundamental a elaboração de materiais didáticos que difundam a memória de existência e resistência do povo Avá-Guarani na região.

Na ocasião deste encontro, fomos convidados a visitar os *tekoha* da região, sendo um localizado no município de Guaíra e outro no município de Terra Roxa. Foram momentos fundamentais de conexão à realidade vivenciada nos territórios indígenas na região, sendo amorosamente acolhidos e abençoados pelos *xamõi* e moradores destas comunidades de retomada. Seja iluminados pela lua e as estrelas ou no sol forte do solo arenoso dos *tekohas*, nos sentimos profundamente inspirados com tanta força e tanta luta!

Após este encontro, buscamos encaminhar os trâmites formais para iniciarmos a pesquisa sendo necessário a submissão e apreciação da proposta junto ao Comitê de Ética de Pesquisas de Seres Humanos e a autorização da Fundação Nacional do Índio. Em paralelo, realizamos seminários de formação conceitual da equipe para compreendermos melhor a realidade sociocultural, econômica e política da população Avá-Guarani na região Oeste do Paraná. No primeiro seminário realizado no mês de maio de 2017 (antes de partirmos para o encontro com as lideranças Avá-Guarani em Guaíra), contamos com a presença e participação da pesquisadora

Maria Lucia Brant de Carvalho, que socializou conosco aspectos da realidade da população Avá-Guarani na região, fundamentalmente a partir dos impactos da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Os demais seminários realizados foram mediados por artigos e resultados de pesquisas que tematizavam a realidade Avá-Guarani, já resultados das revisões bibliográficas realizadas pelos bolsistas, assim como para organização das atividades da equipe.

Com a autorização do Comitê de Ética e da FUNAI, iniciamos as atividades de pesquisa. Programamos e realizamos três missões de pesquisa sendo a primeira realizada no período de 02 a 04 de agosto de 2018 no município de São Miguel do Iguçu/Paraná; a segunda, realizada no período de 06 a 08 de setembro de 2018 no município de Diamante do Oeste; e a terceira realizada no período de 22 a 24 de novembro de 2018 em Guaíra.

Em todas as missões realizadas nos impressionava a amorosa acolhida das lideranças, *xamõi*, *chary'i* e de todas as comunidades visitadas. A partir da primeira missão realizada, fomos convidados a nos apresentar na Casa de Reza, espaço sagrado para os Avá-Guarani. A partir daquela experiência de acolhimento e de mergulho dialógico com a cosmologia Guarani, revisitamos toda a programação passando a ressignificar a organização do tempo e a nos sintonizarmos ainda mais com as dinâmicas das comunidades.

Em cada missão, nos organizamos para realizar momentos simultâneos de encontro da equipe de pesquisa para socialização das pesquisas realizadas, bem como de diálogos com professores, lideranças e pesquisadores Avá-Guarani. Em todas as missões contamos com o apoio das equipes das escolas estaduais indígenas², sendo que as oficinas foram realizadas utilizando a estrutura desses espaços, assim como as refeições em todos os dias, compartilhada com todos os participantes indígenas e não indígenas das oficinas, aspecto que possibilitou maior aproximação com as comunidades.

Sem dúvida alguma, os momentos mais fortes para toda a equipe de pesquisa foram os vivenciados e sentidos no interior das *Opy*, das Casas de Reza, encontrando nelas – nos rituais, cantorias, nos conselhos, nas bênçãos, na amorosidade, na generosidade e no cuidado por eles compartilhado – o sentido da existência e resistência Avá-guarani.

Entre os andarilhos pelos diferentes *tekohas* do Oeste do Paraná, a pesquisa realizada contou com diversos sujeitos Ava-Guarani entrevistados, por meio da participação de jovens, adultos e velhos, homens e mulheres, *xamõi*, *chary'i*,

2 Ressaltamos que os membros da coordenação do projeto esteve em reunião com a equipe da Coordenação da Educação Escolar Indígena/Diretoria da Diversidade da Secretaria de Estado da Educação do Paraná com a finalidade de apresentar o projeto de pesquisa, contando nesta ocasião com o apoio e aprovação desta instituição e o respaldo para que as escolas estaduais indígenas da região oeste do Paraná acolhessem as atividades propostas.

lideranças, professores e estudantes indígenas convidados a somar conosco nesta empreitada de investigação. Contou ainda com a participação de sujeitos não indígenas como diretores das escolas estaduais indígenas e professores e pedagogos das escolas estaduais não indígenas.

As entrevistas e a literatura acessada por meio da revisão bibliográfica evidenciaram ainda diferentes formas de apresentar as categorias e expressões em Guarani, não tendo a pesquisa e esse livro nenhuma intenção de padronizá-las, pelo contrário, evidenciamos o nosso respeito às diferenças linguísticas existentes entre as parciaisidades do povo Guarani compreendendo a riqueza cultural nelas presentes.

A partir desse percurso de diálogos, de interculturalidades e de profundas aprendizagens pelos pesquisadores *karaí* ou *jurua* (os não indígenas, para os Avá-Guarani), encontramos a inspiração para a organização deste livro. Mais do que o resultado da sistematização de conhecimentos científicos e acadêmicos produzidos pela equipe de pesquisa com pesquisadores convidados, esta obra se apresenta como mais um instrumento de luta para o povo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná, assim como para toda a nação Guarani espalhada pelos diferentes estados brasileiros e os cinco países do cone-sul.

Este livro apresenta quinze capítulos que versam especificamente sobre diferentes aspectos da realidade e da memória Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná. Por ser Guarani, essa população mantém seu ñandereko (modo de viver Guarani) através dos seus andarilhos pelo seu território ancestral, existente anteriormente aos tratados, disputas e invasões territoriais feitas pela colonização europeia ou pelos acordos político-administrativos entre os estados brasileiros e nos cinco países do Cone Sul da América. Este livro parte então do pressuposto da existência ancestral de um território Guarani de dimensões continentais contemporaneamente espalhado em 1.400 *tekohas*, explicitado pelo capítulo "*Territorialidades e resistências históricas: panorama continental e atualidades do povo Guarani*", de autoria de Clovis Brighenti. Inicia-se, desta forma, a explicitação de uma das posições mais importantes desta obra: o povo Avá-Guarani que habita a região Oeste do Paraná, pertencente ao povo Guarani, já habitava esse território há cerca de dois mil anos atrás, bem antes da ocupação e fundação das cidades de Guaíra, Terra Roxa, Diamante do Oeste, Santa Helena, São Miguel do Iguçu, dentre outras. Deste modo, são populações originárias e com direitos fundamentais de ocupar seus territórios tradicionais e ancestrais.

É na fronteira entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina que o povo Guarani também vivenciará sagas históricas marcadas por massacres e por resistências. Uma das sagas mais contemporâneas constituída em nome do desenvolvimento nacional foi a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que alagou muitos territórios

tradicionais Guarani. É nessa perspectiva que Maria Lucia Brant de Carvalho nos apresenta o capítulo *“Os Guarani da Tríplice Fronteira, Brasil, Paraguai e Argentina: os direitos às terras, à mobilidade espacial por entre as fronteiras e à cidadania”*.

No terceiro capítulo denominado *“Tekoha Jevy: um breve panorama das retomadas Guarani no Oeste do Paraná”*, sendo um dos territórios tradicionais de resistência na região, Paulo Porto refletirá acerca do que denomina como diáspora Guarani provocada historicamente pelas forças colonizadoras e mais contemporaneamente pelo Parque Nacional de Iguaçu e da Itaipu Binacional, sinalizando, contudo, os processos de retomada dos territórios tradicionais (*Tekohas*) e em busca do *Tekoa Guasu*.

A partir do quarto capítulo *“Territorialidade e demarcação de terras: a dimensão simbólica do espaço para produção de alimentos na cultura Avá-Guarani”* de autoria de Luciano Mendes e Carolina Ferraz dos Santos, iniciamos as reflexões desenvolvidas a partir do trabalho de pesquisa de nossa equipe junto aos *tekohas* da região Oeste do Paraná. Tal capítulo pauta e dialoga com as práticas de produção de alimentos a partir da dimensão simbólica Avá-Guarani, tendo em vista que os autores estão vinculados a uma tradicional instituição de educação superior da área de ciências agrárias, sociais e ambientais no Brasil, problematizando e refletindo a temática indígena.

O quinto capítulo do livro reflete acerca das *“Estratégias psicossociais de resistência das lideranças Avá-guarani sob a perspectiva da Psicologia Social Latino-americana (PCSLA)”*, tendo como autoras Juliane Sachser Angnes, Maria de Fátima Quintal de Freitas e Rozeli Aparecida Menon. Essa reflexão se orienta em um dos eixos da pesquisa que centra a importância da formação e do papel da liderança Avá-Guarani nos processos de memória e de resistência política e cultural.

Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira e Wagner Roberto do Amaral apresentam o sexto capítulo desta obra, *“Relatando uma experiência de pesquisa e de luta no movimento social indígena, vivenciada por uma estudante indígena na pós-graduação”*. O texto apresenta a narrativa dialógica de uma pesquisadora Kaingang bolsista do projeto (junto com seu orientador de mestrado) que inicia seu percurso como investigadora buscando analisar o papel das mulheres Avá-Guarani enquanto lideranças de seu povo. Texto de significativa alteridade entre mulheres lideranças.

Na lógica da formação de lideranças Avá-guarani, Cynthia Franceska Cardoso, Wagner Roberto do Amaral e Elisa Yoshie Ichikawa apresentam o capítulo *“Os mais velhos e a juventude Avá-Guarani: a memória como estratégia de resistência”*, identificando e analisando os encontros produzidos entre os grupos de jovens Avá-guarani e os *xamõis* dos *tekohas* da região oeste do Paraná. Problematizam o conceito de juventude e de juventude indígena, bem como a situa nos contextos de opressão vivenciados pelos jovens indígenas na região estudada.

O oitavo capítulo versará sobre *“Os conflitos para a reconquista e demarcação de territórios Avá-Guarani no Oeste do Paraná: a produção de representações sociais pela mídia”*, tendo como autores Samuel Osório Ribeiro da Silva e Elisa Yoshie Ichikawa. Refletem o conceito de representação social associada às estratégias de comunicação, analisando os conteúdos de matérias jornalísticas sobre os Avá-Guarani da região oeste do Paraná, fundamentalmente sobre a questão fundiária e o posicionamento dos veículos de mídia.

Dialogando com a área dos estudos organizacionais e com a psicologia da libertação de Martin Baró, Luis Fernando Moreira da Silva, Marcio Pascoal Cassandre e Wagner Roberto do Amaral focam o nono capítulo refletindo sobre *“As casas de reza como comunidades de prática em territórios Avá-Guarani do Oeste do Paraná”*. Sinalizam que as casas de reza das comunidades Avá-Guarani têm se configurado como uma poderosa ferramenta de articulação interna pelas lutas que essas população enfrentam atualmente.

O décimo capítulo desta obra versa sobre *“O ensino da história e da cultura Avá-Guarani pelas escolas estaduais não indígenas no município de Guaíra-PR”*. Os autores Eloá Soares Dutra Kastelic e Wagner Roberto do Amaral refletem sobre a importância da Lei n. 11.645/2008 que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os estabelecimentos de ensino do país e analisam mais diretamente as concepções e práticas de duas escolas estaduais não indígenas que possuem estudantes Avá-Guarani nelas matriculados.

O décimo primeiro capítulo *“Um Avá-Guarani com uma câmera na mão”* de autoria de Mônica Panis Kaseker, Lucas Ribeiro e Yago Junio dos Santos Queiroz apresenta a narrativa da experiência de produção do vídeo documentário junto às lideranças Avá-Guarani nos diferentes *tekohas* onde se realizou a pesquisa. O trabalho de gravação e de autoria do texto foi vivenciado em conjunto com um estudante indígena do curso de jornalismo, evidenciando inúmeras potencialidades do uso do audiovisual para e pelas comunidades indígenas, articulando sentidos de identidade e fortalecendo a interculturalidade.

Os quatro capítulos finais deste livro apresentam as narrativas dos quatro estudantes Guarani bolsistas de iniciação científica do projeto. Oséias Poty Miri Florentino apresenta *“Um relato de um indígena Guaraní Mbya: conhecendo um fragmento da realidade e do contexto de luta dos Ava-Guaraní da região Oeste do Paraná”*; Rodrigo Luís, apresenta a *“História e trajetória de um acadêmico Avá-Guarani pesquisador em busca da visibilidade para seu povo, na luta pela demarcação e a universidade como ferramenta de luta”*; Alexandro da Silva apresenta *“As experiências de formação de pesquisadores Guarani – ser acadêmico Guarani-Ñandéva e Guarani-Mbyá conhecendo o universo Avá-Guarani da região Oeste do Paraná”*; e Uerique Aparecido Gabriel Matias apresenta *“Um relato de experiência: memórias*

e resistência dos Avá-Guarani do Oeste do Paraná como pesquisador Guarani Ñandéva”. Quatro sujeitos Guarani pertencentes a três diferentes parcialidades - Guarani Mbya, Guarani-Ñandéva e Avá-Guarani – experimentando serem Guarani e, simultaneamente, serem pesquisadores do seu povo, articulados em torno da memória e das lutas das comunidades Avá-Guarani do Oeste do Paraná.

Por fim, este livro pretende se constituir em mais uma das demais referências já produzidas e as que ainda virão para fortalecer a memória de existência, re-existência e de resistência do povo Guarani! Desejamos que a leitura destes textos inspire ainda mais o nosso compromisso para com os povos indígenas do Brasil e da América Latina.

Novembro de 2019.

Wagner Roberto do Amaral
Elisa Yoshie Ichikawa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TERRITORIALIDADES E RESISTÊNCIAS HISTÓRICAS: PANORAMA CONTINENTAL E ATUALIDADES DO POVO GUARANI	
Clovis Brighenti	
DOI 10.22533/at.ed.2291927111	
CAPÍTULO 2	14
OS GUARANI DA TRÍPLICE FRONTEIRA, BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA: OS DIREITOS ÀS TERRAS, À MOBILIDADE ESPACIAL POR ENTRE AS FRONTEIRAS E À CIDADANIA	
Maria Lucia Brant de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.2291927112	
CAPÍTULO 3	40
TEKOHÁ JEVY: UM BREVE PANORAMA DAS RETOMADAS GUARANI NO OESTE DO PARANÁ	
Paulo Porto	
DOI 10.22533/at.ed.2291927113	
CAPÍTULO 4	56
TERRITORIALIDADE E DEMARCAÇÃO DE TERRAS: A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO PARA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS NA CULTURA AVÁ-GUARANI	
Luciano Mendes Carolina Ferraz dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2291927114	
CAPÍTULO 5	70
ESTRATÉGIAS PSICOSSOCIAIS DE RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS AVÁ-GUARANI SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL LATINO-AMERICANA (PCSLA)	
Juliane Sachser Angnes Maria de Fátima Quintal de Freitas Rozeli Aparecida Menon	
DOI 10.22533/at.ed.2291927115	
CAPÍTULO 6	84
RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA E DE LUTA NO MOVIMENTO SOCIAL INDÍGENA, VIVENCIADA POR UMA ESTUDANTE INDÍGENA NA PÓS-GRADUAÇÃO	
Gilza Ferreira de Souza Felipe Pereira Wagner Roberto do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.2291927116	
CAPÍTULO 7	103
OS MAIS VELHOS E A JUVENTUDE AVÁ-GUARANI: A MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA	
Cynthia Franceska Cardoso	

Wagner Roberto do Amaral

Elisa Yoshie Ichikawa

DOI 10.22533/at.ed.2291927117

CAPÍTULO 8 117

OS CONFLITOS PARA A RECONQUISTA E DEMARCAÇÃO DE TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI NO OESTE DO PARANÁ: A PRODUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PELA MÍDIA

Samuel Osório Ribeiro da Silva

Elisa Yoshie Ichikawa

DOI 10.22533/at.ed.2291927118

CAPÍTULO 9 128

O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AVÁ-GUARANI PELAS ESCOLAS ESTADUAIS NÃO INDÍGENAS NO MUNICÍPIO DE GUAÍRA-PR

Eloá Soares Dutra Kastelic

Wagner Roberto do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.2291927119

CAPÍTULO 10 144

AS CASAS DE REZA COMO COMUNIDADES DE PRÁTICA EM TERRITÓRIOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ

Luis Fernando Moreira da Silva

Marcio Pascoal Cassandre

Wagner Roberto do Amaral

DOI 10.22533/at.ed.22919271110

CAPÍTULO 11 158

UM AVÁ-GUARANI COM UMA CÂMERA NA MÃO

Mônica Panis Kaseker

Lucas Ribeiro

Yago Junio dos Santos Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.22919271111

CAPÍTULO 12 171

UM RELATO DE UM INDÍGENA GUARANÍ *MBYA*: CONHECENDO UM FRAGMENTO DA REALIDADE E DO CONTEXTO DE LUTA DOS AVA-GUARANÍ DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ

Oséias Poty Miri Florentino

DOI 10.22533/at.ed.22919271112

CAPÍTULO 13 177

HISTÓRIA E TRAJETÓRIA DE UM ACADÊMICO AVÁ-GUARANI PESQUISADOR EM BUSCA DA VISIBILIDADE PARA SEU POVO, NA LUTA PELA DEMARCAÇÃO E A UNIVERSIDADE COMO FERRAMENTA DE LUTA

Rodrigo Luís

DOI 10.22533/at.ed.22919271113

CAPÍTULO 14	185
AS EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DE PESQUISADORES GUARANI – SER ACADÊMICO GUARANI-ÑANDÉVA E GUARANI-MBYÁ CONHECENDO O UNIVERSO AVÁ-GUARANI DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ	
Alexandro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.22919271114	
CAPÍTULO 15	189
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA DOS AVÁ-GUARANI DO OESTE DO PARANÁ COMO PESQUISADOR GUARANI ÑANDÉVA	
Uerique Aparecido Gabriel Matias	
DOI 10.22533/at.ed.22919271115	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	192

OS MAIS VELHOS E A JUVENTUDE AVÁ-GUARANI: A MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA

Data de aceite: 19/11/2019

Cynthia Franceska Cardoso

Mestre em Ciências Sociais e Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi bolsista de pós-doutorado pela CAPES no projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

Wagner Roberto do Amaral

Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-Doutorado em Estudos Interculturais pela Universidad Veracruzana (México) e Pós-Doutorado em Políticas de Educação Superior para Povos Indígenas na América Latina pela Universidad Nacionl Tres de Febrero (Argentina). Estância pós-doutoral no Instituto de Migraciones da Universidad de Granada (Espanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e membro da Comissão Universidade para os Índios da UEL. Pesquisador colaborador do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

Elisa Yoshie Ichikawa

Mestre em Administração e Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral em Administração na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”, que teve o apoio financeiro da CAPES por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais

INTRODUÇÃO

Almeja-se, antes de tudo, neste trabalho, dar voz ao povo Avá-Guarani, do Oeste do Paraná, por vezes, silenciado nas formas mais abomináveis: o estupro de mulheres, assassinatos, ameaças à vida de lideranças, a omissão e a conivência histórica do Estado brasileiro, resultante na violação de direitos sociais básicos, como a desnutrição infantil, a fome, a miséria, a ausência e/ou oferta precária de serviços de saúde e educação, entre outros elementos utilizados tanto pelo Estado quanto por terceiros, fazendeiros e comerciantes

da região, para tentar aniquilar os originários da terra, conforme veremos nos relatos e nas referências teóricas deste trabalho. Por outro lado, também, intenta apresentar algumas de suas estratégias de resistência para continuar existindo diante dos históricos conflitos sociais que os colocaram e os colocam no limite da sua humanidade.

Ao nos aproximarmos das histórias de vida do povo Guarani, especificamente, da dos Avá-Guarani, habitantes na região dos municípios de Santa Helena, São Miguel do Iguçu, Itaipulândia, Diamante d'Oeste, Guaíra e Terra Roxa, fomos lançados à reflexão acerca da sua resistência e (re)existência frente aos processos seculares de opressão, subjugação, espoliação a que foram e são submetidos.

As memórias resgatadas nos relatos dos *xamõi* (os mais velhos) e dos jovens nos permitiram imergir num universo em que a sua existência ameaçava, desde os primeiros contatos desse povo com os invasores da América Latina e, ainda hoje, ameaça projetos políticos e econômicos distintos da sua visão de mundo, do seu *ñandereko* (modo de viver Guarani).

Recordar as suas histórias de vida, bem como as de seus antepassados, necessariamente, é relacioná-las com o hoje e vislumbrá-las no porvir; é refletir e significar a sua existência. O sofrimento vívido em suas memórias é consequência do passado que ainda persiste em seu presente e, de alguma forma, está projetado em seu futuro. É, ainda, compreender a dor histórica que carregam consigo, conjuntamente, com a resistência cultural, social, histórica e política.

A permanência dos Avá em seu território ancestral transnacional o qual, inicialmente, abrangia a Bolívia, o Paraguai, a Argentina e o Brasil simboliza a resistência, o continuar existindo enquanto povo, pois reelaboraram formas de viver frente às diferentes explorações por eles vivenciadas.

Com o intuito de analisar essas estratégias de resistência e (re)existência, registramos e examinamos narrativas tanto dos mais velhos quanto dos jovens, a partir do resgate de memórias. Assim, estruturamos este texto da seguinte maneira: inicialmente, apresentamos alguns conceitos norteadores da metodologia utilizada que nos auxiliaram apreender quem são os Avá e quais os processos sociais, históricos, políticos e econômicos que permearam as suas histórias de vida; em seguida, retomamos a existência perdurável do povo Guarani no Brasil, assim como a dos Avá na região Oeste do Paraná; num terceiro momento, delineamos, a partir dos relatos, a transmissão de conhecimentos dos mais velhos aos jovens, enquanto estratégia de luta e permanência no e pelo território e, por fim, apresentamos algumas considerações a respeito da sua luta incessante pela sobrevivência.

É no tempo, tempo este que é aquele de um determinado grupo, que ele procura encontrar ou ainda reconstituir a lembrança e é no tempo que ele se apoia. O tempo e só ele pode desempenhar esse papel à medida que o representamos como um meio contínuo que não mudou e que permaneceu o mesmo hoje como ontem de maneira que podemos encontrar ontem dentro de hoje. [...] isso advém de que ele serve de quadro comum para o pensamento de um grupo, que em si mesmo, durante esse período, não muda de natureza, conserva quase a mesma estrutura, e volta sua atenção aos mesmos objetos. [...]. Quando dizemos que um indivíduo se conduz com a ajuda da memória do grupo, é necessário entender que essa ajuda não implica na presença atual de um ou vários de seus membros. Com efeito, continuo a sofrer a influência de uma sociedade ainda que tenha me distanciado: basta que carregue comigo em meu espírito tudo o que me capacite para me posicionar do ponto de vista de seus membros, de me envolver em seu meio e em seu próprio tempo, e de me sentir no coração do grupo (HALBWACHS, 1990, p.120).

Revisitar o passado para desvelar o presente e ensejar o futuro a partir das memórias lembradas pelos *xamõĩ* e pelos jovens, nos permitiu maior compreensão do universo Avá-Guarani, da sua permanência e resistência em seus territórios ancestrais, no oeste do Paraná.

Registrar seus relatos, suas narrativas e histórias de vida, durante as manhãs e tardes em que estivemos nas aldeias, enquanto recursos metodológicos, foi almejar dar voz a um povo excluído social, política e economicamente há séculos.

Seguindo essa lógica, e a fim de reafirmarmos a sua existência originária na região, recorreremos à história oral, de vida, enquanto recurso metodológico, relacionando os referenciais teóricos às lembranças advindas da memória dos mais velhos e dos jovens coletadas durante a realização do trabalho de campo. A história oral tem grande valia quando se trata de registrar a cultura, o modo de vida de povos de tradição oral, como é o caso dos povos indígenas, uma vez que a tradição da escrita é bastante recente entre eles. A apropriação da história oral enquanto recurso metodológico para a pesquisa se ancorou na perspectiva de que o passado, revisitado a partir do resgate da memória, por meio das narrativas dos entrevistados, está no presente vivido pelos sujeitos sociais e em parte na prospecção do seu futuro. E, ainda, possibilita confrontar fontes escritas e orais (ICHIKAWA, SANTOS, 2006).

É oportuno, inicialmente, apresentarmos algumas ideias e conceitos utilizados neste texto. A memória é compreendida a partir de autores como Le Goff (2003), Yates (2007), Halbwachs (1990), Gouvêa, Cabana e Ichikawa (2018), os quais, de modo geral, compreendem a memória enquanto recurso para avançar no futuro, ou seja, resgatando a existência do passado de um povo, resgatamos, em certa medida, a identidade coletiva dos mesmos, seus anseios, seu modo de viver, suas expectativas, esperanças e planos quanto ao futuro. O resgate da memória

nos permite analisar que as narrativas constroem o presente a partir do vivido ou relatado a respeito do ou no passado. É o passado que dá a tônica do presente e forja o futuro. Neste território em que as histórias de vida são tecidas a partir, também, das narrativas transmitidas por meio do lembrar das memórias dos mais velhos aos jovens. As memórias são construídas coletivamente e individualmente, isto porque cada indivíduo constrói a sua própria história, recebe as informações e as processa de acordo com o que viveu durante a sua vida, dessa forma, reconhece a sua luta e mantém a cultura. Nesse sentido, “[...] existem acontecimentos políticos e históricos que têm relevância tão intensa, que os indivíduos incorporam como suas memórias individuais, ainda que não tenham vivenciado certos fatos, ou seja, estes acontecimentos se tornam, praticamente, uma memória herdada” (POLLAK *apud* CALLEFI; ICHIKAWA, 2019, p. 90). A memória, neste contexto, em acordo com Gouvêa *et al.* (2018, p. 313-14), é o resgate do passado apresentado e vivido de certa maneira no presente, é um instrumento para o agir social e uma fonte de poder, dando sentido ao presente, num devir. Nos relatos, nas lembranças “percebemos a interligação entre passado, presente e futuro [...]. Assim conhecermos o passado é tão relevante quanto desmembrar o presente, para construirmos o futuro”.

Para Le Goff (2003), a memória faz parte da vida social, assim como da individual. Interessa tanto ao indivíduo quanto à sociedade da qual faz parte, isso porque a memória também é poder, do qual depende o seu registro, é apropriar-se do tempo. Dessa forma, apagar a memória é apagar o poder. Não por acaso, o Estado, *lato sensu*, insiste em registrar a memória, via documentos e monumentos, justificando, também, a sua presença e seu poder. Neste sentido, o trecho do relato de uma entrevistada, *chary’i*, mais velha, ilustra a ideia de memória:

Nós retornamos à nossa terra pelos nossos avós, por isso retornamos a Guáira. O nosso principal rezador aqui é o Claudio que está no *Tekoha Porã*, até hoje ele está lá, esperando a demarcação.

Nós podemos observar o quanto ele já sofreu, até então, ele não viu a demarcação das terras indígenas Guarani, ele tem muita preocupação com isso, ele mesmo fala: será que o Avá Guarani não tem mais direito?

Então, eu, *chary’i* tenho muitas preocupações, já passei por muitas lutas, nós já passamos por muitas lutas, estamos nos ajudando nossos povos Guarani, nossa famílias, até hoje, não temos direitos, estamos aqui há muito tempo buscando nossos direitos. A gente não tem energia elétrica, não temos água, daí pergunto: será que nós povos indígenas não temos esses direitos? Então, estamos esperando a resposta, que rumo terá isso.

Vimos para cá pela história dos nossos avós aqui. Neste caminho de Guáira até Umuarama habitavam os Ava-Guarani, todos sabem disso, não cheguei a ver, mas minha sogra e meu sogro contaram pra gente como sofriam por aqui. Desde então não se dava direitos aos povos indígenas e até hoje. Eles já faleceram e nós estamos dando continuidade a essa luta, então, até hoje, parece que não temos nem um pouquinho de direito, nós povos indígenas Guarani.

Ao nos referirmos às ideias de resistência e (re)existência dos Avá-Guarani,

nos remetemos à existência desde antes da colonização da América do Sul, a qual foi possível por meio da reinvenção de novas formas de viver, de sobreviver, para resistir à exploração social e ambiental sofrida desde então. O uso do prefixo *re* intenciona reforçar a sua existência, também, enquanto resistência social e cultural. Aproximamo-nos de Limbert (2015) e Amaral (2016) ao nos valermos da (re)existência e da resistência enquanto modos de enfrentamento das adversidades criados pela população indígena desde o contato com os não indígenas.

Debruçamo-nos sobre o passado e o presente do povo Avá-Guarani, bem como a sua cultura e os processos de colonização na região Oeste do Paraná, a partir de Bartolomeu Melià (1988), Egon Schaden (1986), Maria Inês Ladeira (2001), Brant de Carvalho (2013), Kenner (2019), entre outros.

A coleta de dados primários foi produzida por meio do uso de roteiros de observação e de entrevistas direcionadas, utilizadas durante a pesquisa de campo realizada em aldeias Avá-Guarani do Oeste do Paraná.

NAÇÃO GUARANI

Retomar alguns processos históricos, políticos e sociais, desde o tempo da colonização da América Latina, relacionando-os aos relatos dos *xamõi* e dos jovens, nos aproxima dos interesses políticos e econômicos que permeiam e permearam uma das regiões mais conflituosas entre indígenas e não indígenas no Brasil: o Oeste do Paraná.

O povo Guarani pertence ao tronco linguístico Tupi e à família linguística Tupi-Guarani, sendo dividido em três subgrupos: *Kaiowa*, *Ñandéva* (*Xiripa*, *Chiripa*, *Avá*) e *Mbya*. Os Guarani são nominados diferentemente de acordo com a região em que vivem, embora compartilhem, de modo geral, de uma mesma cultura que os une enquanto povo, também, possuem significativas diferenças na língua, em rituais, cestaria etc. (LINI, 2016).

A sua presença no continente data de pelo menos 2.000 anos. Primeiramente, vieram das bacias amazônicas com as dispersões territoriais dos grupos Tupi e, em seguida, dos próprios Guarani. Intensificaram-se, provavelmente pressionados por um grande aumento demográfico e também a partir de motivação de fundo religioso, na busca por uma terra sem males. Esses grupos passaram a ocupar o interior e litoral dos Estados do Paraná e São Paulo, Paraguai, Uruguai e Argentina (LADEIRA, 2001; SCHADEN, 1986; MELIÀ, 1988). Quando os invasores colonizadores chegaram ao continente, existiam entre um a dois milhões de Guarani. Embora essa população tenha sido reduzida drasticamente ao longo dos séculos, ainda hoje, é o maior povo indígena na América do Sul, presente na Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil (MELIÀ, 1988). Em todo continente, atualmente, são mais de 280.000 pessoas, no Brasil

são, aproximadamente, mais de 80.000 pessoas (PEREIRA; COLMAN, MACHADO, 2016).

A existência dos Avá-Guarani na região da Bacia do Prata permanece mesmo após séculos de contatos, datados desde 1505. A Guerra do Paraguai (1864-1870) entre a Argentina, o Uruguai e o Brasil contra o Paraguai, vencida pelo Brasil, deixou marcas na dinâmica social dos Guarani. Isso porque deu início à ocupação e colonização do interior do país, principalmente no território dos Guarani, no Oeste do Paraná.

Com o estabelecimento da Companhia Matte Laranjeira, em 1882, juntamente com a exploração da madeira na região e, mais tarde, o estabelecimento da pecuária extensiva, a população Guarani é novamente expulsa e reduzida a espaços diminutos.

No início do século seguinte, a marcha para o Oeste, estimulada no governo de Getúlio Vargas (1938), pretendia explorar o interior do país e logrou grande êxito para os exploradores da erva-mate e da madeira, aos colonos e a projetos agropecuários, bem como a criação da Colônia Agrícola de Dourados, em 1943, com a ida de militares e colonos para a região. Ambos os projetos resultaram, mais uma vez, na saída compulsória dos Avá-Guarani do seu território original que, neste período, assim como na década de 1980, fugiram para outros locais, como Paraguai, Bolívia e Mato Grosso do Sul ou foram trabalhar em regime análogo ao escravo nas lavouras e no corte da madeira (CALEIRO, 2016). Em diversos relatos, registramos tais fatos, como no de um *xamõi* entrevistado:

Bom, eu sou daqui mesmo, meus pais são tudo daqui. Daí é que veio aquela companhia que trabalhavam na erva e quando essa companhia [Matte Laranjeira] chegou já tinha nascido aqui, depois que nasci em dois dias meus pais me levaram para o Mato Grosso do Sul. Desde então, cresci em Mato Grosso do Sul, isso meus pais contaram antes de morrer, que eu era daqui mesmo. Então, por isso, retornei pra cá, e aqui mesmo meus parentes morreram, meus avós nasceram todos aqui. Desde então, não posso sair daqui porque meus parentes faleceram aqui, foram enterrados aqui, mas não sei onde e exatamente, quando eles ficaram doentes, só meus pais vieram ver, eu não vim junto, só depois que sepultaram os meus pais voltaram para o Mato Grosso do Sul, quando eles chegaram lá, logo, faleceram e foram sepultados no Mato Grosso do Sul.

Então, foi que fizeram documentos para mim. Os brancos proibiram de fazer documentos para nós, por esse motivo foi bem recente que fizeram os documentos para nós no Mato Grosso do Sul.

Meus pais conheciam tudo até Curitiba, então, eu voltei para cá, mesmo velho, por isso procurei de novo onde meus parentes foram enterrados, porque quando morrer quero ser enterrado onde meus parentes foram; isso me preocupa porque quando morrer não poderei ser enterrado na terra dos outros (fazendeiros), não posso ser enterrado na terra dos outros, e procurei voltar aqui, queria morrer em paz aqui na terra onde nasci.

Ainda na primeira metade do século, em 1939, é criado o Parque Nacional do Iguaçu (PIN), o qual não permitia a presença de humanos na área. Inicia-se mais uma ofensiva aos Guarani da região. Após meados do século, sobretudo, a partir da

década de 1970-80, com a mecanização da agricultura e dos monocultivos de soja, milho e cana de açúcar, a situação dos Guarani foi se agravando e ocorreram novas fugas para outras regiões.

O agravamento do genocídio consentido pelo Estado brasileiro ocorrerá com a construção da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu, idealizada na década de 1960 e executada a partir de meados dos anos 1970 e início de 1980. Diversos municípios da região Oeste do Paraná, bem como outros no Paraguai, foram afetados pela construção da hidrelétrica Binacional de Itaipu, sendo que alguns tiveram mais de 80% do seu território alagado (KENNER, 2019). Em prejuízo, deu-se a desapropriação de diversas aldeias e a submersão de parte da cultura material e imaterial dos seus ancestrais, após a formação do lago de Itaipu. Nesse momento, diversas famílias migraram para o Paraguai, Mato Grosso do Sul, Bolívia e Argentina em busca de sobrevivência, diante às ameaças de morte, assassinatos e retiradas forçadas de famílias inteiras dos locais, objetos de disputas (COMISSÃO GUARANI YVYRUPA, 2017). Nas lembranças de uma *chary'i*, esses trágicos episódios são recordados:

Eu vim da Jacutinga, quando encheu a gente saiu de lá, viemos para Oco'y, nós vivíamos assim: não tínhamos terra, vivíamos a trabalho por aí. Então, voltamos a Jacutinga para ficar, e lá fizemos a luta para ganhar essa terra onde estamos, sofremos muito para isso, se fosse pra contar vamos passar dias falando, sofremos muito com meus filhos que agora estão crescidos, isso que tenho a dizer: o sofrimento que passamos.

No recente estudo realizado pelo Ministério Público Federal (KENNER, 2019) a respeito dos impactos da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu na vida dos Avá do Oeste do Paraná, constata-se que, mesmo após séculos de contato com os não indígenas, nada foi tão danoso e irreparável aos Avá quanto a construção da Itaipu. “Ao analisar a trajetória do grupo desde o período colonial, o relatório destaca os impactos específicos causados por episódios ocorridos no século XX, mas enfatiza que nenhum outro se iguala à magnitude e ao caráter permanente dos danos causados pela construção de Itaipu” (KENNER, 2019, p. 11).

Nesse período, a visão propagada com o intuito de desqualificá-los era a de que seriam nômades, “paraguaios”, jamais “donos originários” dos territórios em disputa, visão perpetuada até os dias atuais. Em parte, porque a mobilidade, o trânsito entre aldeias, é uma das principais características dos Guarani que se movimentam em seu território tradicional, delimitado e, raramente, abandonam por completo as suas antigas aldeias (LADEIRA, 2001). Esses deslocamentos em busca de um “lugar melhor para viver” fazem parte de uma estratégia de resistência, muitas vezes forçada sob as pressões externas, noutras vezes por oferecer, também, e principalmente, momentos de intercâmbios de sementes, mudas, de fortalecimento de alianças políticas e sociais, por exemplo, por meio do casamento, de reflexão a

respeito dos problemas enfrentados nas comunidades.

A organização social, política, econômica e cultural dos Guarani se desenvolve no *tekoha*, território, local onde o modo de ser Guarani - *ñandereko* - pode ser vivenciado. Isso se dá a partir do estabelecimento, no território, da família extensa, composta por avós, tios, sobrinhos, cunhadas, cônjuges e filhos, o que ainda hoje mantém a essência cultural, a língua, a cosmovisão, mesmo que para tal feito tenham se apropriado de elementos externos a sua cultura e os utilizados em benefício da sobrevivência.

O território tradicional dos Guarani no Oeste do Paraná resiste, ainda que fragmentado, permeado por diversas transformações sociais, culturais, políticas e econômicas produzidas a partir do contato forçado com a sociedade não indígena. A maior parte dos *tekoha* foi suprimida pela exploração e desapropriação indevida pelo Estado brasileiro desde o século XIX e, até hoje, pelas empresas do agronegócio de soja, celulose, cana de açúcar, mineradoras e empreendimentos turísticos. O esbulho territorial ao qual vêm sendo expostos, os leva a viver em condições subumanas à beira de rodovias, em territórios diminutos e/ou em áreas onde não há possibilidade de cultivo ao menos dos alimentos tradicionais, como milho, amendoim, batata, entre outros, resultando, também, na escassez de alimentos (COMISSÃO GUARANI YVYRUPA, 2017).

Essas saídas forçadas dos seus territórios tradicionais estão presentes nos relatos dos jovens: “Meu avô saiu corrido daqui para o Mato Grosso do Sul por causa dos brancos. Fugiram para o Paraguai, Bolívia e Mato Grosso do Sul. Meus avós falavam sobre a volta à região, sobre a retomada, pois a área em que estamos um antigo cemitério Avá”. E, também, nas lembranças dos *xamõi*:

É importante [a terra] para nós, precisamos dela porque foi nosso Deus Tupã que deu para nós, Guarani, aqui no Paraná. Antes não tinha esses brancos aqui, antigamente não tinha, não se via os brancos, o que se via aqui era os Guarani e Guarani *Mbya*, só tinha esses dois, viviam nessa imensidão de matas, era tudo mato mesmo, era muito grande a mata, tinha muitos Guarani e *Mbya*, e muitos morreram de diarreia, sarampo. Logo, vieram os brancos e os mataram também, por causa dessa matança que se espalharam por aí e foram para o Mato Grosso do Sul.

A importância da análise das narrativas dos *xamõi*, a partir de Le Goff (2003), está em torno de que em sociedades orais, ou em vias de escrita, a dimensão narrativa e a história dos acontecimentos ficam sob a responsabilidade dos chamados homens-memória, ou seja, dos que guardam a história do povo, sua origem e os principais acontecimentos. Sendo assim, compreendemos que os *xamõi* desempenham esse papel, por serem os mais velhos, respeitados e reconhecidos coletivamente pelo conhecimento que possuem. As suas narrativas ressoam nos relatos dos mais jovens, conforme constatamos nas entrevistas.

Com o advento do golpe militar em 1964 até o início da década de 1980, a situação caótica dos Guarani se agrava. O relato de um *xamõ* reitera a literatura: “Quando os brancos chegaram capturaram, mataram muitos índios, mataram muitos parentes meus, eu tinha uma relação de quais dos meus parentes foi assassinado, passei para meu neto e está com ele, essa relação, ele que tem todos os nomes”.

Concorrentemente ao agravamento da sua situação com a construção de Itaipu (1975-1982), ocorria no Brasil o fortalecimento e a organização dos povos indígenas, apoiados por parte da sociedade civil organizada, resultando na sua inclusão na Constituição Federal de 1988 e, conseqüentemente, num maior empoderamento e autonomia. Conforme o movimento indígena nacional vai se consolidando, os processos de retomada dos territórios tradicionais, em diversas regiões do país, iniciados na década de 1990, começam a se intensificar, a partir dos anos 2000, na região do oeste do Paraná.

É neste período, também, que a ideia de juventude indígena passa a ser discutida, conforme veremos a seguir.

DAS MEMÓRIAS DOS MAIS VELHOS AOS JOVENS

A sociedade não indígena definiu no Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) que são jovens os que possuem entre 15 a 29 anos de idade, com variações entre jovens adultos e jovens adolescentes. Aproveitando essa definição, nos valemos desse referencial em diversos momentos neste texto aos nos referirmos aos entrevistados como jovens. De acordo com o censo do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2010, havia 896 mil indígenas no Brasil, destes, 441 mil eram jovens ou crianças (OLIVEIRA; RANGEL, 2017). Mas, e para os indígenas, quem são os jovens?

Antes do contato permanente com os não indígenas, do acesso à tecnologia, da entrada de políticas e programas sociais públicos, como é o caso das políticas de assistência social, que trouxeram aos povos originários renda e/ou salários nas aldeias, alterando a dinâmica cotidiana, tínhamos os rituais de iniciação que marcavam a transição da infância para a fase adulta. Embora alguns povos ainda mantenham os seus ritos, hoje, diante das transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais, que, também, perpassam e afetam a dinâmica dos povos originários, os obrigando a viver em terras exíguas, sem área para plantio ou fauna e flora para explorar, o rito de passagem da infância para a vida adulta não é mais determinante. Ou seja, se antes os meninos estavam aptos a sustentar a família com os recursos extraídos da natureza e as mulheres a cuidar dos filhos, da roça e a cozinhar, atualmente, isso não é mais tão corriqueiro, pois há poucos alimentos para caçar, plantar e cozinhar.

À medida que a sociedade se transforma, as mudanças sociais, econômicas, políticas, ambientais e tecnológicas também perpassam os jovens indígenas, os quais passam a querer ter acesso a artigos eletrônicos, a redes sociais, ao lazer, à educação, à saúde e a bens de consumo, como roupas, sapatos, aparelhos eletrônicos, como qualquer outro jovem.

Embora a definição de juventude varie conforme a sociedade em que está inserido o jovem, nas comunidades indígenas, essa ideia não ocorria até pouco tempo. A categoria juventude, jovem indígena, é ainda recente no debate acadêmico e, justamente por ser incipiente, oportuniza a discussão a respeito da existência deste “grupo”, pois são esses sujeitos sociais, em diversas situações, que levam a voz do seu povo para fora dos limites da aldeia.

Essa categoria, ainda em construção (RANGEL; VALE, 2008), segundo Sant’Anna (*apud* OLIVEIRA; RANGEL, 2017), pode ter surgido desde a época da ditadura militar, a partir da criação da guarda rural, onde era necessário ter uma determinada idade para tal função. Também podem ter influenciado no seu surgimento, a inserção dos indígenas na educação formal, iniciada na educação básica e, mais recentemente, nas universidades. Ademais, a partir da organização dos movimentos indígenas que, surgidos aos finais dos anos 1970, se consolidaram nas décadas seguintes, abrindo caminho para o surgimento de diversos grupos e coletivos de jovens indígenas, que passaram a assumir responsabilidades dentro dos seus grupos e se tornaram sujeitos autores da sua história e da de seu povo. Por fim, também pode ter surgido como reflexo da migração dos indígenas para as cidades, da influência dos meios de comunicação e do crescimento populacional dessa faixa etária (OLIVEIRA; RANGEL, 2017).

Esse movimento, essa capacidade de transitar entre dois mundos - no Guarani e no do *jurua* - em luta por seus direitos coletivos, forja um espaço social que leva à reflexão a respeito do seu papel, enquanto sujeito que traz consigo a memória do seu povo. A esse engajamento, podemos atribuir, parcialmente, aos mais velhos a responsabilidade de transmitir a cultura e a história de luta a partir do resgate e da transmissão da memória coletiva aos mais jovens dando maior sentido à sua existência. Nesta perspectiva, “A memória na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 47).

No trecho a seguir, extraído de uma entrevista com um jovem, percebemos que a memória coletiva, além de fundamental à identidade coletiva ou individual, é um instrumento de luta e poder (LE GOFF, 2003), por meio do qual reitera a sua existência e dá novo sentido ao jovem, o de lutar e resistir frente às opressões dos *jurua* que não cessam.

Antigamente essa terra era nossa mesmo. Minha vó correu daqui e foi pro Mato Grosso do Sul. Antigamente era tudo moradia dos índios. Daí começou os brancos a chegar, a falar que isso aqui é nosso e a comprar a terra. Daí vem outro fazendeiro e fala isso aqui é nosso. Daí os antigos saíram correndo. Fazer o que? Daí passou o tempo e voltamos a nossa terra de novo. Por isso muitos fazendeiros falam que a gente vem do Paraguai, mas não é. Nós voltamos para nossa terra. [...] Aqui para todo lado tem cemitério velho, de antigamente. Todo nosso povo. Perto do rio tem cemitério. Na verdade da escolinha para baixo era tudo cemitério. O outro fica lá na cidade real de Guaíra. [...] Como o meu bisavô falava pra gente e a gente sentava e escutava que essa parte da região do Paraná, entre Guaíra, que a beirada era tudo aldeia, ele falava chorando: que tinha uma guerra que vinha exterminando todo mundo, nós ouvimos essa notícia e corremos. E acabou tendo mesmo; matou quase todos. Um dia meu bisavô falava: um dia as nossas crianças vão acordar e falava pra gente: vocês tem uma terra naquela região que é nossa [...]. Daí nós viemos para cá e vimos que era verdade mesmo o que falava nossos bisavôs: vão que é verdade, vocês vão ver o lugar onde foi executado, onde tinha uma guerra, onde tem a tábua que foi enterrada e que tinha um cemitério e vocês vão sentir na pele e no coração o que fizeram com a gente, os brancos, os portugueses. Daí desde então os Guarani se reuniram e ficaram aqui na região e em Terra Roxa. Nós retomamos a região que era usada pelos antigos.

Nos relatos dos jovens, as histórias contadas pelos *xamõi* lhes imputam tamanha responsabilidade que nem sempre está à altura de responder, haja vista as pressões externas e internas que enfrentam para sobreviver. O fato é que não lhes são dadas condições para tal, considerando as contradições e inquietações no caminho, como: a ausência de perspectivas futuras, os poucos investimentos na educação e na saúde indígena, os altos índices de suicídio, bem como o uso abusivo de drogas e álcool. Todavia, relembram que a sua participação nos rituais na *Opy*, nas reuniões comunitárias, em encontros regionais, nacionais e transnacionais chamadas *aty*, no movimento indígena, a articulação por meio das redes sociais e o ingresso nas universidades são estratégias de resistência e fortalecimento da luta do seu povo. A articulação entre as lembranças resgatadas a partir das memórias dos mais velhos e o papel social da juventude Avá é sintetizada numa das entrevistas realizada com dois jovens:

Importante para o jovem participar da retomada porque aí eles têm a noção do que vem pela frente, porque os mais velhos já estão cansados de viver nessa situação, os que são mais novos têm mais flego de lutar nessas áreas de conflito para poder avançar em cima, para poder aprender como estão trabalhando as lideranças, os que são mais velhos, para ouvir e aprender, para poder ser um líder, para poder lutar a favor da família porque ele vai ser adulto vai ter criança. Os mais velhos falam que [...] por isso é importante que todos os jovens e crianças participem da reunião, de encontros.

Sendo assim, podemos compreender que esta nova categoria, jovem indígena, muito tem de antiga, na perspectiva da resistência ancestral que traz consigo o portador da memória coletiva. Foi, e é, por meio dos ensinamentos, das histórias, da cultura transmitida pelos mais velhos, das suas próprias vivências cotidianas, que os jovens criam, e recriam, estratégias para existir, ao mesmo tempo em que constroem

um novo espaço social, até então, desconhecido.

PERMANÊNCIA, RESISTÊNCIA

Histórica e sistematicamente, os Avá-Guarani são desrespeitados, contudo, seguem existindo, enfrentando diversas situações desumanas que implicam desde assassinatos e perseguições de lideranças, a hostilização de crianças e adolescentes nas escolas da cidade, a negação da sua existência enquanto ser humano, ao alcoolismo, fome e desnutrição, bem como em tensões constantes por disputas territoriais, seja com a Itaipu e/ou com fazendeiros locais. O alto número de suicídios entre os jovens permeados pela violência interna e externa; a dependência financeira de programas sociais; a falta de empregos, de saneamento básico, de saúde e de assistência dos órgãos públicos, entre outros, os relega a uma condição tênue entre a barbárie e a civilização. Neste cenário dantesco, qual perspectiva de vida existente para o futuro de crianças e jovens Avá?

Desde os primeiros contatos dos Avá-Guarani com os não indígenas, a sua existência foi profundamente alterada e desafiada, mas não aniquilada, conforme desejavam e desejam os invasores de seus territórios. A transmissão do modo de ser Guarani, a princípio, é dada pelos mais velhos aos mais jovens, como parte elementar da sua existência. A memória detém poder, detém poder quem a possui (LE GOFF, 2003), assim sendo, os jovens se armam desse elemento em prol do coletivo, se fortalecem e se organizam local, regional, nacional e internacionalmente e resistem às situações de opressão ordinárias.

Mesmo diante das atrocidades cometidas por diferentes atores que os forçaram a deixar seus territórios diversas vezes, retornaram aos seus antigos *tekoha* e (re)existiram. Retorno e (re)existência apoiados na resistência e na memória dos Avá.

Não sucumbir a esses processos históricos de violência contra si e seu povo, vivenciando a sua cultura, seu modo de vida, sua cosmovisão, seu ñandereko, mesmo à beira das estradas ou confinados em territórios diminutos, demonstra a força e a capacidade de resistir e (re)existir do Guarani impressa em sua memória ancestral lembrada nos sofrimentos e nos ensinamentos dos antepassados, seguem acreditando num dia em que viverão melhor.

Ser parte da maior nação indígena, a Guarani, da América do Sul, é se reinventar. É saber o porquê da sua existência, é enfrentar as lutas colocadas cotidianamente, é defrontar a política de Estado genocida, é respeitar as pessoas mais velhas por seus saberes, seus conhecimentos, as crianças por sua ingenuidade e pelas incertezas que o futuro lhes reserva, é respeitar o meio ambiente tal qual o humano, é ter a certeza de que nada lhes pertence, tudo é transitório.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Gustavo Gurgel do. **Geografia da Re-Existência**: conhecimentos, saberes e representações geográficas na educação escolar indígena do povo Oro Wari – RO. (216f). Tese de doutorado. UFPR. Curitiba, Paraná, 2016.
- BRANT DE CARVALHO, Maria Lucia. **Da terra dos índios aos índios sem terra**. (834f). Tese de doutorado. USP. São Paulo, SP, 2013.
- BRASIL. **Estatuto da Juventude**. Lei n.12.852, de 5 de agosto de 2013. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viv_Identificacao/lei%2012.8522013?Opendocument. Acesso em: ago 2018.
- CALEIRO, Manuel M. Território Guarani: um espaço de resistência. In: MAMED, Daniele de Ouro; CALEIRO, Manuel Munhoz; BERGOLD, Raul Cezar (Orgs.). **Os Avá-Guarani no oeste do Paraná: (re) existência em Tekoha Guasu Guavira**. Curitiba, PR: Letra da Lei, 2016.
- CALLEFI, Jessica S.; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. A memória na história oral de vida de idosos. In: **Revista Interdisciplinar de Gestão Social da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia**. v.8, n.1, 2019.
- COMISSÃO GUARANI YVYRUPA. **Relatório de Violações de Direitos Humanos no Oeste do Paraná**. 2017. Disponível em: <http://www.yvyrupa.org.br/blog/2017/08/16/cgy-lanca-relatorio-sobre-violacoes-de-direitos-humanos-contra-os-ava-Guarani-no-oeste-do-parana/>. Acesso em: ago 2018.
- GOUVÊA, Josiane B.; CABANA, Rocío del Pilar L.; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala. **Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**. UFMG. Belo Horizonte. V.5 N.12, abr, 2018.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- ICHIKAWA, Elisa Y.; SANTOS, Lucy W. Contribuições da história oral à pesquisa organizacional. In: Silva, Anielson B. da; Godoi, Christiane K.; Bandeira-de-Mello, Rodrigo (orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. Saraiva, 2006.
- KENNER, Gustavo (org.). **Avá-Guarani: a construção de Itaipu e os direitos territoriais**. Brasília: ESMPU, 2019. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/publicacoes/obras-avulsas/e-books/ava-Guarani-a-construcao-de-itaipu-e-os-direitos-territoriais>. Acesso em abr 2019.
- LADEIRA, M. I. **Espaço geográfico Guarani-Mbyá**: significado, constituição e uso. (268f). Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2001.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003.
- LIMBERT, Rita de Cássia A. P. Existência indígena: resistência em busca da (re)existência. **Cadernos de Estudos Culturais**. vol.7, n.13, 2015. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/3414>. Acesso em: fev 2019.
- LINI, Priscila. Entrevista realizada com Bartolomeu Melià. In: MAMED, Daniele de Ouro; CALEIRO, Manuel Munhoz; BERGOLD, Raul Cezar (Orgs.). **Os Avá-Guarani no oeste do Paraná: (re) existência em Tekoha Guasu Guavira**. Curitiba, PR: Letra da Lei, 2016.
- MELIÀ, Bartolomeu. **El Guaraní conquistado y reducido, ensayos de etnohistoria**. 2 ed. Assunção, Paraguai: Centro de Estudios Antropologicos de la Universidad Católica N.S. de la Asunción, 1988.
- OLIVEIRA, Assis da C.; RANGEL, Lucia Helena. **Juventudes Indígenas**: estudos interdisciplinares, saberes interculturais conexões entre Brasil e México. Rio de Janeiro: E-papers, 2017. Disponível

em: <http://www.promovide.febf.uerj.br/biblioteca/nepie/livro-juventudes-indigenas.pdf>. Acesso em: nov 2018.

PEREIRA, Levi M.; COLMAN, Rosa; MACHADO, Flávio V (Coord.). **Mapa Guarani Continental**. Campo Grande, MS: Equipe Mapa Guarani Continental, 2016. Disponível em: https://bd.trabalhoindigenista.org.br/sites/default/files/MGC2016CuadernoEspanol_0.pdf. Acesso em: ago 2018.

RANGEL, Lucia H.; VALE, Claudia Netto. Jovens indígenas na metrópole. **Revista Eletrônica Ponto & Vírgula**. vol.4, n.4, 2008. p. 254-259. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/14190>. Acesso em: set 2018.

SCHADEN, Egon. **Aspectos Fundamentais da cultura Guarani**. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 1974.

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Elisa Yoshie Ichikawa - Mestre em Administração e Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral em Administração na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Graduação e da Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”, que teve o apoio financeiro da CAPES por meio do Edital 012/2015 – Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais

Wagner Roberto do Amaral - Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-Doutorado em Estudos Interculturais pela Universidad Veracruzana (México) e Pós-Doutorado em Políticas de Educação Superior para Povos Indígenas na América Latina pela Universidad Nacional Tres de Febrero (Argentina). Estância pós-doutoral no Instituto de Migraciones da Universidad de Granada (Espanha). Professor do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e membro da Comissão Universidade para os Índios da UEL. Pesquisador colaborador do projeto “Conflitos e Resistências para a Conquista e Demarcação de Terras Indígenas no Oeste do Paraná: os caminhos e as expressões do fortalecimento das lideranças e da cultura Guarani”.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-822-9



9 788572 478229